

Experimentos Coreográficos: relato sobre o estágio em dança no espaço não formal

Carolina Martins Portela – acadêmica do Curso de Dança Licenciatura da UFPel
Andrisa Kemel Zanella – profº do Curso de Dança Licenciatura da UFPel

Resumo: O presente texto caracteriza-se por ser um relato de experiência da prática realizada no Estágio em Dança II, do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. A proposta teve duração de três meses e centrou-se em "Experimentos coreográficos", a partir da perspectiva colaborativa, em que os participantes eram intérpretes criadores. Em onze encontros foram abordados diversos conteúdos relacionados com criação coreográfica entre eles, a criação de figurinos, a composição coreográfica, a escolha do tema, edição da trilha sonora, experimentação cênica. Durante o estágio pude perceber que é possível criar e desdobrar as atividades, envolvendo os alunos colaborativamente em diferentes funções, fazendo com que eles sejam parte do processo, assim, demonstrando a sua importância no lugar de criação/experimentação.

Palavras – chaves: composição coreográfica; docência em dança; educação.

Os experimentos

O presente texto caracteriza-se por ser um relato de experiência da prática realizada no Estágio em Dança II, do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Este estágio teve como foco a prática docente em espaços não formais de ensino. Para o estágio foram utilizados atividades de criação coreográfica colaborativa, experimentadas durante minha trajetória, antes e durante o ingresso na Universidade.

A proposta, teve duração de três meses, centrou-se em "Experimentos coreográficos", a partir da perspectiva colaborativa, vinculado ao Projeto de extensão Laboratório Coreográfico (COREOLAB)[1], com objetivos de criar sequências coreográficas a partir das experimentações em Dança; experienciar diversas possibilidades de criações coreográficas; explorar o repertório individual e coletivo; desenvolver capacidades criativas; estimular a memória corporal; criar e transformar sequências de movimentos; refletir sobre as possibilidades de criação.

[1] Caracteriza-se por oferecer oficinas de dança para a comunidade em geral, sob orientação dos professores do Curso, vinculados ao projeto.

Segundo Corrêa e Hoffmann (2014, p.104) “O termo coreografia, etimologicamente oriundo dos gregos e que significa, numa primeira conceituação, ‘descrever a dança’ [...]”, nesse caso foi escolhido descrever partindo de atividades já elaboradas e experimentadas em outras disciplinas do curso de Dança Licenciatura, registradas em diários de processos, relembradas e estruturadas para o Estágio em Dança II.

A turma iniciou com três alunos, dois do Curso de Dança Licenciatura da UFPel, e uma aluna da comunidade que já teve ligação com a dança em sua trajetória. No decorrer das as aulas duas alunas não conseguiram mais conciliar seus horários e desistiram de participar da turma, logo, outros dois alunos do Curso de Dança tiveram interesse em experimentar as aulas e assim concluímos a turma com três alunos do Curso de Dança Licenciatura.

A metodologia que predominou foi a colaborativa, onde estimulei os alunos a criarem suas sequências coreográficas a partir das atividades propostas, que foram sendo modificadas ao longo do processo.

Iniciando pelas criações individuais e coletivas os “Experimentos Coreográficos” possibilitaram momentos democráticos de criações artísticas. A partir desse entendimento, a composição coreográfica colaborativa, configurou-se “como uma negociação contínua, algo que mobiliza a turma e que necessita diálogo e respeito por parte de todos os envolvidos. Para o professor é desafiador, já que tens que dar voz aos participantes sem apagar a sua própria presença dentro de aula” (CORRÊA e HOFFMANN, 2014, p. 106).

Cabe ressaltar que “a composição coreográfica colaborativa pode ser relacionada com o perfil docente de professores que tem na sua prática influências da pedagogia relacional. [...]” (CORRÊA e HOFFMANN, 2014, p. 106). Sendo assim, o professor é um estimulador para as criações de seus alunos, ele instiga, provoca, problematiza, questiona as possibilidades. Podendo ter respostas coletivas e individuais, chegando a um resultado em comum entre todos os envolvidos.

O conteúdo principal dos Experimentos foi o improviso, mesmo que tenha como estímulo atividades planejadas, conforme Lobo e Navas (2008, p.120):

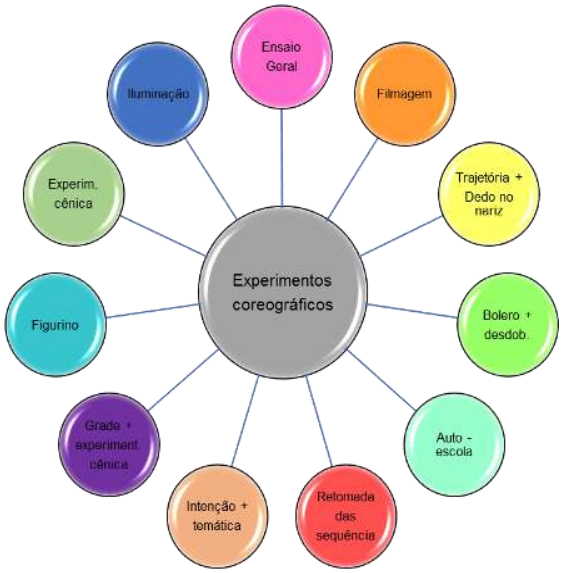
> No improviso, o imaginário criativo, corpo cênico e movimento estruturado acontecem simultaneamente, como o próprio ato de dançar. A improvisação em movimento é um fenômeno que acontece como resposta imediata aos estímulos.

Com o intuito de explorar o repertório corporal dos alunos, investigando outras possibilidades a partir das memórias e transformando atividades em experimentos coreográficos, ainda na ideia de trazer o acervo corporal para a sala de aula valorizando a movimentação, as autoras acima reforçam que "improvisamos a partir do que está inscrito no corpo pelas nossas percepções, sensações, memórias e por todo tipo de relações com o meio ambiente" (Lobo e Navas, 2008, p.119).

As aulas foram filmadas e em forma de relato no final de cada plano de aula. Ao final de cada aula aconteciam observações da estagiária e diálogo, onde os alunos percebiam as atividades desenvolvidas em aula e propuseram outros desdobramentos.

A prática: das atividades às criações

Trago a seguir a estrutura de como se desenvolveram as aulas e um breve relato dos experimentos.



Trajetória + Dedo no nariz = as atividades partiram da trajetória que os participantes fizeram até chegar ao local da aula, passando para uma folha de papel e após experimentando corporalmente, assim isolando uma parte do corpo, criando um desdobramento e duas sequências coreográficas.

Bolero + desconstrução = a terceira sequência coreográfica partiu de cinco passos do subgênero Bolero, após os participantes fizeram experimentações em outros espaços, assim quando retornaram para sala modificaram a sequência a partir dos impactos experimentados.

Auto - escola = Atividade do canal "Pedagogias Dançantes Possíveis"[2], surgiu mais uma sequência coreográfica, criando mais uma trajetória no espaço.

Retomada das sequências = Montamos um esquema em uma cartolina e canetas colorida, para os participantes memorizarem as sequências já realizadas.

Intenção + temática = Experimentação na chuva para colocar a intenção dos movimentos, relembrando as sequências.

Grade + experimentação cênica = Na atividade criamos a "grade", onde a partir de algumas ações de escolha individual, cada um escreveu 6 vezes em um papel a sua ação (inspirada na pergunta "O que você faz na chuva?"), então criamos uma grade com 5 sequências variadas incluindo PAUSA. No primeiro momento apareceu 3 vezes a ação pular, então trocamos por girar e acrescentamos em uma pular poça. Assim, ficou dinâmico e diferente.

Figurino = Após as experimentações, vimos vídeos sobre possibilidades com tecido de guarda – chuva, e algumas fotos procuradas na internet. Depois começamos a criar possibilidades, conversamos sobre ideias e iniciamos o corte e a costura.

Experimentação cênica = Exploramos o espaço cênico com figurino e adaptações para a filmagem.

---

[2] Para saber mais sobre o canal acessar: https://www.youtube.com/channel/UCKLJDytCd3rY_S4Tg3bOBow

Iluminação = Aquecimento já em cena, montagem de plano de luz, idealizando conforme a movimentação cênica. Após as experimentações ensaiamos a coreografia e a organização em cena dos participantes.

Ensaio Geral = Retornando do recesso relembramos e vimos os vídeos já filmados das aula anteriores, foi bem legal, pois os alunos tinham lembranças de algumas sequências e outras que eles nem lembravam.

Filmagem = Preparei um material (fichas) para “Mostra de estágio” e trouxe para os alunos olharem as atividades feitas em aula e mais algumas que programei e não foi executada nesse momento, mas fica o registro como possibilidade. Então os participantes acharam muito organizado e um deles já solicitou emprestado para inspiração em futuras atividades.

Foram onze encontros que abordaram diversos conteúdos relacionados com criação coreográfica entre eles, a criação de figurinos, a composição coreográfica, a escolha do tema, edição da trilha sonora, experimentação cênica. Em todas as atividades os participantes eram intérpretes criadores.

Considerações finais

Então... pensando que ao iniciar o estágio propus um desafio, onde ao revisitar atividades já propostas por outras pessoas em disciplinas e finalizadas, ainda montar uma coreografia como produto final do estágio, posso dizer que fui feliz nas escolhas. As atividades se desdobraram e surgiram diversas ideias partindo dos diálogos ao final das aulas, assim, como a atuação docente, que ao estimular os alunos a criarem suas partituras coreográficas não poderia impor mas propor outras possibilidades.

Hoje vejo as aulas de dança e diferentes espaços com outros olhos, penso que quando vim em busca de uma maneira de incluir todos os alunos no processo de criação, descubro que não existe uma maneira, mas sim diversas.

Ao concluir o Estágio em Dança II, pude perceber que é possível criar e desdobrar as atividades, envolvendo os alunos colaborativamente em diferentes

funções, não só como bailarinos, fazendo com que eles sejam parte do processo, assim, demonstrando a sua importância no lugar de criação/experimentação.

Partindo dessa experiência, sistematizei em fichas as atividades desenvolvidas, para desenvolver oficinas em diferentes espaços e compartilhamento com colegas, aproveitando para o Estágio supervisionado em Dança III (espaço formal - anos finais e ensino médio), onde a temática foi “Montagem de espetáculo” com a abordagem colaborativa, atividades experimentadas no Estágio II com alguns desdobramentos e outras atividades planejadas que não foram experimentadas.

Referências

CORRÊA, Josiane F. e HOFFMANN, Carmen A. A composição coreográfica nos processos de ensino e aprendizagem em dança. *Informe C3.* V.05. 2014. p. 102-116.

LOBO, Lenora e NAVAS, Cássia. *Arte da Composição: Teatro do Movimento:* Improvisação e pesquisa: levantamento de materiais e ideias de movimento. Brasília: LGE Editora, 2008. P. 119-125.